

O CORPO (I)MORAL: A PROSTITUIÇÃO NAS SENDAS DO DIREITO E DA PSICANÁLISE

Rafael Venâncio; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – venancio92@live.com

Resumo: A prostituição, enquanto prática comercial, não é proibida pela legislação brasileira, a não ser levando-se em conta alguns fatos que podem configurar crime de aliciamento e exploração sexual: um deles envolve a idade do praticante e, além disso, se o mesmo está sendo forçado por outrem a exercer a profissão. Nesse sentido, é importante destacar que a nossa sociedade, fundamentada e regida por valores judaico-cristãos, não vê com bons olhos os sujeitos que, por alguma razão, se valem desse meio de vida para se sustentar e, por isso, despreza-nos e deseja que sejam relegados e segregados na escuridão da noite. No entanto, na literatura, por vezes, irrompem representações de um feminino envolvente e sedutor que põe em xeque as noções de moralidade, na medida em que, para realizar os seus anseios, arrisca-se a ultrapassar as fronteiras dos interditos e tabus estipulados no que concerne à sexualidade. É a conjuntura em que Bruna Surfistinha, autora da obra *O doce veneno do escorpião*, publicada em 2005, se encontra. Na narrativa em foco, a garota retrata como e por quais caminhos ingressou no meretrício, chegando a ascender socialmente com a repercussão de seu *blog* na internet. Nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós)freudiana e as contribuições sócio-históricas de ROBERTS (1998), pretende investigar, no *corpus* em cena, o caso desta personagem que foi capaz de abdicar do conforto e das finanças de seus pais para poder ser, conforme defende, feliz. Estamos diante de uma personagem sem pudor e hábil na arte da sedução.

Palavras-chave: Prostituição, Transgressão, Interdito, Lei.

1. Introdução:

Nas antigas sociedades matriarcais (que datam bem antes do patriarcado se constituir como padrão oficial) ou conhecida pré-história, a figura da mulher estava associada à divindade de onde advinha a fertilidade da terra e reprodução dos seres humanos, assim vista, ela era, conseqüentemente, um ser superior ao homem, pois detinha o meio pelo qual a sexualidade e a sacralidade estavam interligadas, tal qual a Grande Deusa¹, que dava aos habitantes da terra o alimento e a provisão do dia a dia. Neste sentido, a atividade sexual por ela exercida, era considerada sacra, digna de honra e reconhecimento, porque, as sacerdotisas da Grande Divindade a incorporavam durante as festas e rituais xamânicos². Em um primeiro momento de nossa história, as prostitutas eram tidas como divinas, de modo que, evidentemente, estas mulheres lideravam todas as esferas da vida destas antigas comunidades. Conforme Roberts (1998, p.19) lembra, “as mulheres foram também fundamentais para a economia destas primeiras sociedades [...]”. Não há nada de

¹ O culto a deusa Inana se originou dos sumérios, já entre os babilônicos ela era Istar, “chamada Grande Deusa Har, Mãe das Prostitutas” (QUALLS-CORBETT, 2012, p.41).

² Ao contrário do que se poderia pensar acerca destas comunidades pré-históricas, elas eram organizadas em uma hierarquia e atividades religiosas, na qual, a mulher tinha uma importância fundamental: como afirmamos, sua atividade sexual era o clímax da corporização da Deusa.

estranho nisso, pelo contrário, como já afirmamos, as mulheres estavam ligadas a reprodução e a fertilidade visto que o poder místico delas estava vinculado a cada parte do universo e da natureza.³ O sexo, nesse período, era a maneira mais eficiente de se aproximar da divindade, e somente as que estivessem ligadas ao serviço exclusivo da deusa, poderia, e devia corporificá-la nestas situações propícias. O pagamento não as ofendia: era, simplesmente, uma oferenda, algo completamente diferente da concepção da prostituta nas sociedades fundamentadas em valores judaico-cristãos, onde a legislação tende a proibir e minar o comércio sexual a fim de evitar a proliferação da exploração sexual.

Apesar disso, surgem em nossa literatura figuras femininas que, ainda que conheçam as leis e restrições, por vontade própria, entram no mundo da prostituição a fim de que possam gozar, conforme acreditam do seu corpo. Neste sentido, a obra de Bruna Surfistinha, *O doce veneno do escorpião* não deixa suscitar questionamentos e polêmicas quanto ao seu caráter transgressor no que tange a sexualidade haja vista que a sua autora nos confessa ter ingressado na área com apenas 17 anos de idade. Interdito e transgressão, portanto, se imbricam nesta obra, publicada em 2005, abrindo um espaço significativo para analisarmos o direito e a posição da mulher na atualidade.

2. Resultados e discussões:

2.1.1. Raquel e Bruna: duas faces de uma mesma moeda

Bruna e Raquel são os respectivos designativos de uma única e mesma pessoa, apesar da personagem, em análise, insistir na dicotomia dos nomes. Compreendemos as razões que levam a garota de programa a adotar não só este discurso, com também, o nome que a distingue quase que inteiramente: a mudança se refere à transformação que teve sua vida quando, por motivações que serão, em parte, expostas neste artigo, decidiu sair da casa de seus pais, a fim de que pudesse, conforme diz, ser livre e feliz. A bem da verdade, o desejo de liberdade da pequena é um dos múltiplos pretextos que são levados ao campo da consciência, sempre acompanhados de significantes que buscam por evidência a intrusão das figuras parentais.

Meus pais tinham medo de assalto, de estupro, de tudo. E me prendiam. Para quem foi criada solta, brincando na rua ou no quintal, era a morte ficar presa naquele apartamento no Paraíso [em São Paulo], já tinha 11 anos e queria fazer do mundo o meu quintal (SURFISTINHA, 2005, p. 27-28).

³De maneira que, mãe e prostituta, eram a face única da mesma moeda e não dicotômica, como as sociedades patriarcais as tornaram, tão logo assumiram o controle.

Bruna atribui o seu desejo de ser livre ao fato de que foi criada em uma chácara, brincando livremente, sem as interpelações de seus pais que, pelo que percebemos, não tinham tanto receio de que algo lhe acontecesse, mas, mudando-se para a cidade, as coisas começaram a mudar drasticamente: por causa do medo⁴ deles, ela ficava presa no apartamento, impossibilitando que fizesse do mundo o seu quintal⁵. Bruna faz um movimento de projeção, quando, em dado momento de seu relato, se vale desse fato, como explicação da inveja e as mentiras que veio a sentir e dizer: “Minhas amigas começavam a ir ao shopping, às matinês dançantes, e eu não podia. Sem liberdade, passei a mentir para ir onde queria (SURFISTINHA, 2005, p.28).”

Na comparação com as outras, de idade aproximada, talvez, na inexperiência própria da idade pré-adolescente, Bruna não podia deixar de sentir inveja daquelas que podiam usufruir de um direito de ir e vir, divertir-se e, como bem soube resguardar, *ir para onde queriam*⁶. As mentiras, dessa forma, surgiram para poder garantir esta liberdade interdita e negada.

Vale inquirir: como são estes pais? Como se apresentam a esta menina?⁷ Indagações bastante pertinentes para o esclarecimento do *corpus* em análise.

Minha mãe tinha ciúmes de mim. E demonstrava isso. Nem namorar, mesmo que fosse o carinho mais perfeito do mundo, eu podia. já meu pai... Ele nunca fez seu papel de pai. Tudo bem, teve o acidente, a doença, ele deixou sua carreira brilhante bem no topo, viveu uma depressão fodida. Hoje sei que, muitas vezes, ser agressivo comigo era culpa de tanto remédio tarja preta que ele tinha que tomar. Se antes eu o culpava, percebo agora que não foi bem assim [...] (SURFISTINHA, 2005, p.28).

As impressões de Bruna acerca deles, quando ela os dicotomiza, abre-nos a oportunidade de entendê-la, pelo que já percebemos que, enquanto a mãe, com os seus ciúmes, sufocava a menina; o pai não fez o seu papel de pai⁸ que seria, eventualmente, estabelecer o corte necessário, impondo-se

⁴ Não como um ato de proteção e cuidado para consigo, Bruna significa esta atitude de restringir sua liberdade como uma prisão, sendo, ela mesma, a prisioneira dos ditames dos pais.

⁵ A narrativa em foco é repleta de metáforas, quintal é um significante bastante peculiar, pois, ao mesmo tempo em que indica que o sujeito Bruna queria poder gozar de uma liberdade, tal qual uma criança que brinca no quintal, atesta a não vontade de se desvincular, completamente, destas figuras parentais (não nos esqueçamos de que um quintal é uma parte, exterior, da residência de um cidadão).

⁶ É interessante observar um tanto de enigmático nesta exposição: onde elas, suas amigas, poderiam ir, sem que fossem barradas? Não era só inveja que Bruna sentia, acompanhava-a uma curiosidade crescente de descobrir *um lugar* onde o poder da interdição, veiculadas pelas figuras parentais, não alcançasse. Ora, bem sabemos que as interdições são impostas pela Lei da linguagem, ao desejar ultrapassá-la, inconscientemente, Bruna nos mostra indícios de um desejo ao gozo, o outro Gozo.

⁷ Certamente que a forma como as figuras parentais foram introjetadas, não impede que a sua imagem (Imaginário lacanian) fique cravada no inconsciente, ou seja, as impressões que advir da infância irão perpetuar independentemente da idade do sujeito.

⁸ Um fato bastante peculiar na narrativa diz respeito ao deslizamento do significante pai que, dentro desta cadeia discursiva, assume uma forma metafórica quando a protagonista refere-se a Deus: “Acho que Deus não faz nada por nós, além de nos proteger” (SURFISTINHA, 2005, p.29). Neste caso, Deus, enquanto uma instância de poder, *nada faz*

como aquele que é suposto ter o falo e devolvendo a filha o olhar que ela almejava, mas, ao não fazê-lo, como podia respeitá-lo?

Bruna, já adulta, confere um sentido para as atitudes da mãe: eram ciúmes de si, foi o que conseguiu significar, aproximando-se, parcialmente, de uma instância psíquica recalcada. Mas, se é bem verdade que a mãe tivera ciúmes, o pai, por sua vez, no âmbito do imaginário, não cumpriu seu *papel*⁹, a raiva que a assola, devido a essa negligência, hoje encontrando explicação racional, não foi possível de ser expressa de outra maneira senão desafiando, brigando e enfrentando as figuras parentais: “A tal fase de adolescente rebelde que o excesso de proteção desencadeou ficou quase fora de controle, e as brigas, *principalmente com meu pai*, viraram rotina (SURFISTINHA, 2005, p.28, grifo nosso).”

À raiva que sentia de seus pais, somou-se o fato de descobrir-se filha adotiva deles, o que exasperou-lhe, ainda mais, a sanha de transgressão e desejo de desafio, mas, interdita de, tal qual Édipo, concretizar os seus desejos hostis de vingança para com as figuras parentais¹⁰, Bruna soube sublimar a parte mais agressiva de suas pulsões primitivas, bancando, como diz, a boa filha, apesar de que estas ações, que bem poderíamos tipificar como omissões, visavam, de forma latente, que fosse perceptível o quanto Bruna estava disposta a desafiá-los:

Eu fazia de tudo para manter a fama de "santinha" com meus pais. Voltava da balada e comentava com eles apenas o quanto havia dançado. Uma noite, porém, cheguei em casa com o pescoço bem marcado das chupadas do Thiago, um menino com quem fiquei várias vezes (SURFISTINHA, 2005, p.34).

Manter-se *santinha*, é, praticamente, um sinônimo de virgem no imaginário cristão, e, neste sentido, ser casta, significa possuir o amor do pai, ainda que, conforme expressa, ela tema-o. Este temor, pode ser relacionado ao medo de perdê-lo, se viesse a ser descoberta por completo. Nota-se que a menina é marcada por sentimentos ambivalentes em com relação aos pais, sentimentos que a acompanharam por toda a sua vida, como Raquel ou a garota de programa Bruna Surfistinha.

para proteger-nos, como o pai *não assumiu o seu papel*, mas deu-lhe de tudo que o dinheiro podia comprar visto que sua família era de classe média alta.

⁹ Mesmo que já tenhamos esclarecidos, em termos analíticos, não deixa de ser interessante de como a Bruna consegue trazer a tona questões que, via de regra, o sujeito não consegue expressar. É claro que a personagem faz isso de maneira fragmentada, no entanto, ela consegue encontrar sentidos que permitem a análise fluida do *corpus*.

¹⁰ Normalmente pensa-se que a história de Édipo se restringe ao amor, incestuoso, por Jocasta, sua mãe, e o assassinato de seu pai, Laio, esquecendo-se de que, antes de tudo, o protagonista de Sófocles havia sido abandonado para que viesse a morrer. Dessa forma, Édipo é um sujeito marcado não só pela ambivalência, mas pelo abandono daqueles que, em tese, deviam amá-lo incondicionalmente.

2.1.2. Prostituição: entre os limites da Lei e do gozo

Bruna sai de casa aos 17 anos de idade, passando a trabalhar como garota de programa em uma casa clandestina e se depara com o fato de que deve se oferecer a fim de que seja escolhida pelo cliente e possa subir, junto com ele, para o quarto. No momento, em que se apresenta tem a noção de que, a partir daquele momento, seu corpo seria entregue a um desconhecido, mas a coragem de conhecer o universo da prostituição é um baluarte para que se mantenha firme em seu propósito. Havia, certamente, muito medo, inclusive de não ser escolhida e de se frustrar logo na primeira tentativa, algo que a culpa, ainda forte em sua consciência, acenava. Neste momento, foi necessário negociar consigo mesma: “Vou pegar o dinheiro desse cara e voltar para casa. Ainda dá tempo desistir e ir para casa” (Surfistinha, 2005, p.14). Não voltou, pelo contrário, fez mais seis programas em seu primeiro dia. Em definitivo, Raquel transgrediu o amor do pai e “Bruna nasceu para o sexo” (p.15), mas ainda que tivesse deixado para trás, tudo o que se referia a sua vida, enquanto filha de um casal de classe média, as suas imagens ficaram fixadas em seu psiquismo, tornando-se a base de suas fantasias.

Ao ingressar na prostituição, as ideias que tinha acerca do corpo como uma mercadoria, o qual, devia ser oferecido sem qualquer esforço ao homem, começou a mudar, consideravelmente. Devido a sua educação, Bruna associava a prostituição à miséria e à decadência da mulher, tão sujas eram que estavam em um único lugar na cidade de São Paulo:

Para mim, todas as prostitutas de São Paulo estavam na Augusta. Eu já havia passado por lá muitas vezes, inclusive com meus pais.

- Olha lá aquelas putas – alguém comentava.

Como é que uma mulher chega nesse ponto? - eu pensava. Para mim, só tinha putas ali, naquela rua suja, feia. Ou, então, elas viviam naquelas casinhas velhas, caindo aos pedaços, com mulheres muito maquiadas penduradas nas janelas, chamando os homens que passam pela rua. Lá dentro, bastava elas abrirem as pernas e esperarem o cliente gozar: pronto. A tal "vida fácil" (SURFISTINHA, 2005, p.22).

As concepções de Bruna acerca das prostitutas que via, de relance, baseado nos comentários de alguns circunstantes, moldaram alguns preconceitos que alimentou por algum tempo: uma prostituta era um ser marginalizado, o fundo do poço para uma mulher que se dava, facilmente, sem se importar com o que o homem escolhido estaria fazendo¹¹. Mas logo, ao investigar os lugares onde os anúncios de jornais indicavam, deparou-se com um outro tipo de configuração da prostituição: locais que se misturavam perfeitamente com a parte nobre da cidade; mulheres que não

¹¹ Foi devido a estes conceitos pré-estabelecidos que entristeceram-na ao ser taxada como puta na escola: ao ser vista assim, pelos colegas, eles estariam atestando a decadência de sua condição de mulher.

se pareciam nem um pouco decadentes, além de uma descrição que a impressionou: “As garotas que vi por lá [no Bahamas] não tinham nada de anormal, nem tinham ‘puta’ estampado na testa nem ficavam na porta se oferecendo a quem passasse” (p.23).¹²

Diante desse novo quadro, o desejo de tornar-se garota de programa só aumentou: percebeu que podia obter a independência financeira que almejava, e, além disso, realizar a fantasia que a dirigiu: teria vários homens, que só a escolheriam se, e tão-somente se, desejassem-na. Afirmaria, ao mesmo tempo, seu lugar como objeto de desejo do outro e ainda ganharia por isso. Além do mais, na sua busca pelo gozo, teria a oportunidade de descobrir quais eram os limites do sexo e do corpo, algo que, de outra maneira, talvez, não houvesse conseguido. Isso não implica dizer que ela não haveria de passar pelos mesmos preconceitos que nutria, ao contrário, agora a pequena Raquel estava no olho do furacão.

Todo mundo sempre se dá algo para compensar um dia ruim, uma semana difícil. Com garotas que vivem do sexo, não é diferente. "Eu mereço!", pensei. Com o primeiro dinheiro de putaria que consegui ganhar e juntar, me dei um celular de presente. Me senti recompensada, de alguma maneira, por cada vez que engoli meu nojo para não perder o programa [...] (SURFISTINHA, 2005, p.26).

Como qualquer trabalho a prostituição exige que as profissionais do sexo tenham deveres a cumprir, *não perder um programa* é uma das metas mais importantes dele, pois, a não obtenção de um número considerável de clientes, e estes fixos, pode ser a razão de que consigam pagar as contas ou comer. Se, por acaso, forem agenciadas, a exigência redobra em termos de meta: pagar o estabelecimento que está é uma das maiores preocupações do ramo¹³. Diante deste quadro, não é à toa que o dinheiro assume um papel de estar vinculada a prática do comércio sexual: por ele, a prostituta deve abrir mão de qualquer nojo ou medo que venha a sentir, desde que estejam disposta a ganhar um pagamento significativo¹⁴.

Nada disso, no entanto, anula o prazer, que pode estar, conforme Guimarães (2007), “na contra mão desses deveres” (p.67) e, neste sentido, não devemos entendê-lo como uma sensação prazerosa advindas de estímulos externos, mas sim em suas formas outras de sentir e concebê-lo,

¹² A imagem de decadência que a Bruna via bem como a maneira de abordagem das prostitutas, era uma das formas que a prostituição assume.

¹³ Guimarães (2007), citando Souza, pontua alguns dos deveres mais frequentes e fundamentais como “batalhar pelo dinheiro; não perder tempo; não se envolver; permanecer lúcida; evitar conflitos; tratar os clientes da mesma forma e favorecer os que pagam melhor; preocupar-se com o fazer, não com o prazer [...]” (p.67).

¹⁴ O que não quer dizer que elas imponham condições para realizar algo que, em tese, não fariam, pelo contrário, se o cliente insistir, mesmo sabendo quais são os serviços prestados, eis aí uma razão para cobrar bem mais do que o combinado.

podendo estar nas fantasias de ter, em seu poder vários homens, bem como nas *compensações* que o dinheiro pode comprar, algo que parece ser o caso da Bruna.

Não nos esqueçamos de que, apesar de advir de uma família de posses, a garota não tinha nada que, realmente, fosse de sua propriedade, sobre o qual pudesse dispor livremente. Devido a esse fato, sua liberdade libidinal, bem como de sair para se divertir, estava restrita a alguns subterfúgios que empregava para poder garanti-la. Quando saiu do domínio financeiro das figuras parentais, Bruna se viu na obrigatoriedade de garantir a própria independência, algo em que se saiu bem sucedida, afinal, agora, podia usufruir da própria liberdade e testar os limites do gozo.

Eis uma forma de prazer que, no campo consciente, o dinheiro lhe traz, é uma segurança e lhe garante certa autonomia. Bruna enfatiza que *merece* o celular que adquiriu, exatamente como o empregado de uma empresa acredita *merecer* o salário e as aquisições provenientes dele. Bruna, ainda aos 17 anos de idade, aprendeu que a prostituição exige certo profissionalismo e frieza profissional. E, para o caso de sentir um pequeno mal estar, o dinheiro é visto como uma forma de saná-lo.

A prostituição deu um lugar a Bruna que ela, antes, sentindo-se inferior aos demais, não acreditava conseguir: a de superior ao outro: falicamente, ela assume uma posição de poder quando aos seus cuidados o cliente se coloca. Na cama, sua experiência enquanto profissional garante a ela seu *status* de mestre, essa é uma das razões que a faz preferir sujeitos inexperientes e de pouca idade uma vez que eles não estão despertos completamente para os segredos do sexo:

Sempre imaginei que a primeira vez para uma menina tivesse mais peso do que para um menino. Estava enganada. A cada cabaço que tiro, fico mais e mais convencida disso. Tudo bem que, no futuro, eles nem se lembrem direito com quem foi (difícil, no meu caso...), mas a sensação de estar frente a frente com uma mulher, poder tocá-la, ter nas mãos, em vez de uma revista com fotos de mulheres peladas, uma de carne e osso... Finalmente, descobrir a consistência de um seio, aprender como pegá-lo, passear com a mão na gruta de prazeres escondidos que toda mulher carrega entre as coxas. Poder cheirar, lambar. Sinto alguns deles, nos seus 13, 14 anos, trêmulos diante da nudez. Posso quase ler seus pensamentos. "Posso pegar?", é o que mais ouço deles, querendo apalpar meus seios. Mãos geladas, geralmente. Sinto no ar o medo de falhar [...] (SUFISTINHA, 2005, p.31).

Na realidade, a garota de programa identifica-se com estes rapazes: sua inexperiência a enternece porque, a ela, na hora da relação sexual, é revelada a fragilidade do masculino e de sua masculinidade: ante um corpo feminino de verdade, o que deve ser feito? Diante de tamanha dúvida e certos medos, Bruna instrui, buscando neles, a menina que um dia foi, mas, dessa vez, assume uma posição materna: ela os inicia no mundo, oferece seu corpo como um continente a ser explorado, onde eles podem gozar sem que sejam interditados pelas leis civilizatórias, mas, ao

contrário da mãe real, ela pode ser gozada e explorada, pois seu corpo está a serviço: “Conduzo, ensino, realizo. Me sinto especial. De certo modo, estarei para sempre na memória de cada um daqueles meninos – tão ‘crianças’ quanto eu. E foram muitos” (Surfistinha, 2005, p.31). Nesse instante, não é possível saber quem realiza a fantasia de quem, se a prostituta ou cliente.

3. Conclusões:

Bruna Surfistinha ficou conhecida nacionalmente devido ao seu blog, onde qualificava as relações sexuais que tivera com alguns de seus muitos clientes. É quase certo afirmar que, para que alcançasse a liberdade e a ascensão social de que tanto necessitava, a garota de programa foi capaz de ir contra alguns interditos relacionados à sexualidade e o sexo, infringindo normas quanto ao uso do corpo enquanto mercadoria, mas a verdade é que, uma vez *regulamentada*, sua conduta discreta e, por que não dizer, capitalista, alçou sua prosperidade e ampliou o seu negócio.

Bruna demonstra que a prostituição, apesar de não ser mais bem quista pela sociedade, é o meio pelo qual pôde ter um lugar no mundo, algo que sempre ambicionou quando estivera junto a seus pais. Da mesma forma, com sua história, ela nos indica que os caminhos da liberdade, quaisquer que sejam, demandam escolhas difíceis e, algumas vezes, não ortodoxas.

Referências Bibliográficas:

- GUIMARÃES, R. M. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer?** o discurso de mulheres prostitutas. (Dissertação de mestrado). Ribeirão Preto: USP, 2007.
- QUALLS-CORBETT, N. Q. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino.** Tradução: Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 2002.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história.** Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa.** São Paulo: Panda Books, 2005.